SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Sexo é química: análise elementar das variações metropolitanas combinando sexo, drogas e saúde global

Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez, Diego Madi Dias

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

Submetido em: 2026-08-28
Postado em: 2026-08-31 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

SEXO É QUÍMICA: ANÁLISE ELEMENTAR DAS VARIAÇÕES METROPOLITANAS COMBINANDO SEXO, DROGAS E SAÚDE GLOBAL

Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2425-987X
<ofernandez@uneb.br>
Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Salvador, BA, Brasil

Diego Madi Dias
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2459-6529
<diegomd@usp.br>
Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: Este artigo analisa a construção social e histórica do chemsex como objeto científico, sanitário e político, acompanhando a circulação da categoria entre Londres e o Brasil. O estudo combina revisão crítica da literatura nacional e internacional com análise de documentos de saúde pública. Distinguimos o uso sexualizado de drogas, categoria descritiva ampla, do chemsex, entendido como configuração reiterada na qual substâncias, vias de administração, corpos, plataformas, mercados, culturas sexuais e tecnologias de prevenção organizam o encontro. Argumentamos que o repertório formado por metanfetamina, mefedrona e GHB/GBL contribuiu para estabilizar a categoria em circuitos londrinos, mas não constitui definição universal. No Brasil, a cocaína pode ocupar ou substituir parcialmente a posição estruturante da metanfetamina em determinados circuitos, sem equivalência farmacológica entre as moléculas, compondo uma ecologia mais plural. A comparação evidencia que o chemsex é simultaneamente prática e categoria sociomédica, transformada por mercados, políticas de HIV/aids e desigualdades territoriais, raciais e de classe. Concluímos que respostas públicas devem articular direitos, redução de danos, prevenção de HIV e outras ISTs, atenção primária e cuidado em saúde mental, sem patologizar nem romantizar as experiências.

Palavras-chave: chemsex, drogas, sexualidade, saúde global, redução de danos

SEX IS CHEMICAL: AN ELEMENTARY ANALYSIS OF METROPOLITAN VARIATIONS COMBINING SEX, DRUGS, AND GLOBAL HEALTH

ABSTRACT: This article analyzes the social and historical construction of chemsex as a scientific, health, and political object by tracing the category's circulation between London and Brazil. The study combines a critical review of national and international literature and public health documents. We distinguish sexualized drug use, a broad descriptive category, from chemsex, understood as a recurring configuration in which substances, routes of administration, bodies, platforms, markets, sexual cultures, and prevention technologies organize the encounter.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

We argue that methamphetamine, mephedrone, and GHB/GBL helped stabilize the category in London circuits but do not provide a universal definition. In Brazil, cocaine may occupy or partially replace methamphetamine's structuring position in specific circuits, without implying pharmacological equivalence, within a more diverse drug ecology. The comparison shows that chemsex is both a practice and a sociomedical category transformed by markets, HIV/AIDS policies, and territorial, racial, and class inequalities. We conclude that public responses should combine rights, harm reduction, HIV and STI prevention, primary care, and mental health care without pathologizing or romanticizing participants' experiences.

Keywords: chemsex, drugs, sexuality, global health, harm reduction

INTRODUÇÃO

A pesquisa atual investiga o consumo de substâncias antes ou durante o sexo em territórios LGBTI+ na cidade de São Paulo, em perspectiva comparada entre a América Latina e o continente europeu. Compreendemos esses territórios como circuitos presenciais e digitais constituídos por bares, boates, saunas, cinemas, festas, residências, aplicativos e redes de sociabilidade.

Esse interesse possui uma longa história de pesquisa. No mestrado, Fernandez examinou, entre 1988 e 1993, o uso injetável de cocaína e anfetaminas, quando a associação entre injeção, transmissão do HIV e políticas de redução de danos ocupava posição central no debate sanitário. Três décadas depois, a circulação da metanfetamina e do *slamsex* recoloca a administração injetável de estimulantes no campo da sexualidade, do HIV/aids e da saúde pública, em diálogo com a literatura sobre as profilaxias pré e pós-exposição.

O contexto atual da epidemia de HIV/aids em São Paulo é distinto daquele período, sobretudo pela ampliação do tratamento e das tecnologias medicamentosas de prevenção. A distância temporal levou-nos a interrogar simultaneamente continuidades e diferenças: o que há de novo na associação contemporânea entre sexo, substâncias, plataformas digitais e prevenção biomédica, e o que é renomeado por meio da circulação internacional da categoria *chemsex*?

O problema deste artigo é a construção social e histórica do *chemsex*. As associações entre sexo e substâncias são anteriores ao termo, mas algumas delas foram selecionadas, nomeadas e estabilizadas como um fenômeno específico por comunidades gays, serviços de saúde, pesquisadores, organismos internacionais e plataformas digitais. Perguntamos: como o uso sexualizado de drogas e a categoria *chemsex* são produzidos, transformados e disputados em circuitos situados em Londres e no Brasil? O que se torna visível — e o que permanece invisível

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

— quando uma definição formulada em determinado contexto circula como linguagem da saúde global?

A hipótese do projeto atual é que o *chemsex* se configura por meio de uma equação relacional entre substâncias estimulantes e complementares, corpos, práticas sexuais, vias de administração, plataformas digitais, mercados, culturas sexuais, políticas de HIV/aids, saberes comunitários e instituições de saúde. Em determinados circuitos londrinos, a metanfetamina ocupa posição estruturante; no Brasil, essa posição pode ser ocupada ou parcialmente substituída pela cocaína, em razão de sua maior disponibilidade, de mercados estabelecidos e de sua inserção histórica nas culturas sexuais urbanas. A substituição é funcional e relacional; não pressupõe equivalência farmacológica entre as moléculas. A presença isolada de metanfetamina ou cocaína tampouco define o *chemsex*: importa investigar como a substância passa a organizar o encontro e a se combinar com moléculas complementares e condições sociais específicas.

Para dar precisão conceitual à análise, distinguimos uso sexualizado de drogas (USD) e *chemsex*. O USD é a categoria descritiva mais ampla: abrange o consumo intencional ou circunstancial de substâncias antes ou durante práticas sexuais, em diferentes populações, repertórios e contextos. Todo *chemsex* envolve USD, mas nem todo USD constitui *chemsex*. O uso ocasional de álcool, cannabis ou cocaína durante um encontro, por si só, não autoriza essa classificação.

O *chemsex* designa uma configuração em que combinações farmacológicas situadas passam a organizar de modo reiterado o encontro: sua preparação, duração, intensidade, códigos, redes de parceiros, plataformas, formas de cuidado e exposição a riscos. Denominamos estruturantes as moléculas que ocupam posição organizadora em determinado circuito ou trajetória; complementares são aquelas mobilizadas para modular efeitos, desempenho, excitação, ansiedade, sono ou recuperação. Essas posições não são propriedades fixas das substâncias: variam conforme mercados, corpos, regras, rituais e estruturas de vida.

A ecologia brasileira mais plural não dilui o conceito. Ela permite investigar como a equação do *chemsex* assume composições locais sem converter qualquer consumo associado ao sexo em *chemsex*. A circulação internacional da categoria produz, assim, um campo de transações e controvérsias no qual atores distintos disputam autoridade para nomear práticas, estabelecer riscos e formular respostas de cuidado.

Com a difusão das redes de relacionamento e dos aplicativos de encontros, ampliaram-se as formas de contato entre pessoas com interesses, desejos e fetiches semelhantes ou complementares, bem como as possibilidades e a diversidade de encontros sexuais. Se, nos anos

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

1980 e 1990, as ações preventivas se organizavam principalmente em torno da transmissão do HIV e das hepatites por sangue e outros fluidos, os avanços biomédicos — testagem rápida, tratamento e prevenção — reconfiguraram as formas de percepção e gestão dos riscos. Nesse contexto, algumas pessoas passaram a experimentar a sexualidade e o pertencimento de maneira associada ao uso de substâncias, colocando novas questões para as práticas de prevenção.

1. RECORTE, FONTES E PROCEDIMENTOS

Este artigo apresenta resultados dos seis primeiros meses da pesquisa. Combina revisão bibliográfica e documental e interpretação hermenêutica comparativa. A revisão reconstrói a construção social do chemsex como objeto científico.

O levantamento internacional foi iniciado em setembro de 2025 e atualizado até julho de 2026, abrangendo as seguintes plataformas de indexação: Web of Science, PubMed, Scopus, SocINDEX, LILACS e Google Acadêmico. Foram utilizados, isoladamente e em combinações, descritores relacionados a *chemsex*, *slamsex*, cocaína, HIV/aids, saúde, HSH/MSM, etnografia, metodologia, risco e redução de danos, com formas correspondentes em português e inglês quando disponíveis. A base de trabalho reuniu 577 referências em Antropologia. Em julho de 2026, uma busca complementar por *chemsex* e Brasil selecionou aproximadamente 48 trabalhos relacionados ao país.

Foram incluídos artigos, livros, capítulos, teses, dissertações e documentos de saúde pública que examinavam definições, práticas, substâncias, populações, riscos ou respostas institucionais relacionados ao uso sexualizado de drogas e ao *chemsex*. Excluíram-se duplicatas e trabalhos sobre consumo geral de drogas sem articulação com sexualidade. Consideramos literatura relacionada ao Brasil tanto estudos baseados em dados produzidos no país quanto trabalhos dedicados às políticas, aos serviços, às categorias ou às populações brasileiras.

2. A METRÓPOLE E A VIDA SEXUAL: CHEMSEX EM VARIAÇÃO

O chemsex não é uma prática homogênea, mas um *assemblage* farmacosexual indissociável das assimetrias espaciais e geopolíticas. A noção de *assemblage*, tradução parcial de *agencement* em Deleuze e Guattari, oferece uma alternativa às explicações lineares que atribuem o *chemsex* apenas aos efeitos das moléculas. Ela designa composições heterogêneas de corpos, discursos, objetos, afetos e técnicas, cujas relações produzem capacidades e limites situados.

Em vez de se consolidar através de uma ecologia distintiva e uniforme, o fenômeno manifesta-se globalmente como um ecossistema molecular condicionado pela geopolítica das

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

drogas. Nessa "estrutura de conjuntura" (Sahlins, 1985), a metanfetamina pode operar como referência histórica e simbólica recorrente — um possível mitema, no sentido heurístico inspirado em Lévi-Strauss (1989) — em determinadas narrativas transnacionais do chemsex. No Brasil, em alguns circuitos, ela pode atuar como mitema central mesmo quando sua disponibilidade é limitada. A invariância proposta é simbólica, não farmacológica: refere-se à posição da molécula no imaginário, e não à sua presença material em todos os encontros.

A metanfetamina, popularmente conhecida como "tina", ocupa posição histórica e simbólica relevante em determinados circuitos. Pode participar da organização da temporalidade de maratonas ou chillouts, da desinibição procurada e da coreografia dos corpos, sem que essa posição seja universal. Mesmo onde seu acesso é escasso, códigos, gírias e interações em aplicativos podem remeter à substância; essa recorrência não equivale à sua presença farmacológica nem exclui outras configurações regionais.

A circulação de moléculas não ocorre em um espaço liso: é moldada por fronteiras, economias locais, mercados e rotas comerciais. Essa perspectiva dialoga com a antropologia marginal de Néstor Perlongher (2008) e restitui o território à análise do sexo químico como fenômeno histórico. Chamamos de socioquímica a atenção à vida social dos fenômenos químicos: classificações, técnicas de administração, reputações e combinações entre estimulantes, depressores e perturbadores do sistema nervoso central são produzidas em relações territoriais e digitais. Trata-se de uma chave comparativa, não de determinismo molecular.

Norman Zinberg (1984) demonstrou a importância da relação entre *drug, set and setting*: propriedades da substância, disposições do sujeito e ambiente social. No *chemsex*, uma mesma substância pode facilitar intimidade, intensificar ansiedade, sustentar trabalho sexual ou participar de episódios de violência, conforme a composição social em que se insere (*setting*). Essa abordagem impede atribuir agência absoluta às moléculas. Os efeitos das drogas não são ficções culturais, mas tampouco resultam de uma farmacologia independente do contexto. Desse modo, a perspectiva que desenvolvemos também dialoga com uma linhagem clássica da antropologia sobre o corpo. As técnicas corporais e o corpo como primeiro objeto técnico de que dispomos (Mauss, 2003), a configuração do *habitus* (Bourdieu, 1980) e os usos sociais do corpo analisados por Boltanski (1971) permitem perguntar como se aprendem posturas, ritmos, tolerâncias e modos de alcançar estados alterados de consciência e intensificação sexual. O corpo do *chemsex* não é um suporte passivo da substância: é treinado, classificado e diferenciado por uma diversidade de trajetórias sociais, repertórios de prazer e condições desiguais de acesso aos espaços e às tecnologias.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

Tabela 1 – Aspectos regionais para o estudo das transformações na prática do sexo químico

Análise	Londres Epicentro Histórico e Mítico	São Paulo Truncamento e Diversificação Farmacológica	Rio de Janeiro Truncamento Territorial — hipótese exploratória
Estatuto na análise	Contexto de nomeação e estabilização internacional da categoria chemsex.	Contexto brasileiro de tradução e diversificação do repertório.	Contraponto exploratório entre território, mercados e práticas.
Posição da metanfetamina	Historicamente estruturante e simbolicamente central em determinados circuitos.	Presença desigual; pode ser estruturante ou referência simbólica conforme o circuito.	Presença indicada; disponibilidade, frequência e posição requerem documentação.
Repertórios documentados ou indicados	Metanfetamina, mefedrona, GHB/GBL e outras substâncias.	Metanfetamina, cocaína, MDMA, cetamina, GHB/GBL, nitritos e inalantes.	Metanfetamina, cocaína, cetamina, MDMA e inalantes; sem predominância demonstrada.
Dinâmica do truncamento	Uma configuração particular tornou-se referência internacional, embora não universal.	A circulação desigual favorece combinações locais; a cocaína pode organizar certos circuitos.	Mercados, territórios e redes podem condicionar o acesso e as configurações.
Dispositivos de encontro	Aplicativos, encontros privados, saunas, darkrooms e festas descritos pela literatura.	Aplicativos, festas, residências e circuitos urbanos de sociabilidade e música eletrônica.	Aplicativos, encontros privados e redes presenciais; configuração pouco estudada.
Hipótese comparativa	O repertório londrino funciona como referência histórica e narrativa de origem.	A categoria é traduzida em ecologia mais plural, sem simples reprodução do modelo londrino.	Condições territoriais podem produzir formas específicas de circulação, associação e uso.
Base das afirmações	Bourne et al. (2014); Georgiadis et al. (2025) oferecem apenas contexto regional europeu.	Nikobin et al. (2025), Del Rei (2024) e Miskolci et al. (2022); substituição pela cocaína é hipótese dos autores.	Barreto (2019); relações com mercados, território e metanfetamina permanecem exploratórias.

Nota: A tabela sintetiza a literatura e apresenta hipóteses comparativas, não prevalências municipais ou descrições exaustivas.

Risco e prazer não são polos exteriores. O risco pode compor a intensidade desejada, ser calculado, deslocado ou tornar-se evidente apenas posteriormente. O prazer pode produzir cuidado entre pares e também sustentar repetições percebidas como insustentáveis. Reconhecer essa ambivalência permite evitar dois reducionismos. O primeiro transforma todo *chemsex* em patologia e seus participantes em vítimas sem agência. O segundo celebra qualquer prática como resistência, negligenciando intoxicações, dependência, violência e sofrimento. A antropologia não precisa escolher entre condenação e romantização. Sua tarefa é acompanhar como diferentes experiências se formam, quais capacidades produzem, quando se tornam problemáticas e que formas de cuidado os próprios sujeitos consideram possíveis.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Howard Becker contribui para compreender o uso de drogas como social e culturalmente condicionado. Os efeitos das substâncias não consistem em ações fisiológicas simples: dependem das variações entre as pessoas, do estado em que se encontram e da situação social da ingestão. O consumo constitui um aprendizado contínuo, no qual sensações fisiológicas, estados psíquicos, ideias e crenças são interpretados coletivamente. A cultura da droga acumula conhecimentos transmitidos entre consumidores, orienta a experiência, ajuda a reconhecer os efeitos e participa da construção de controles informais destinados a evitar experiências indesejadas e overdoses (BECKER, 1967, p. 163–176; 1977, p. 181–204).

As pesquisas de Zinberg mostram que a "frequência de uso" não constitui um indicador seguro dos problemas relacionados às drogas. A quantidade — grau, frequência e dosagem — deve ser analisada juntamente com a qualidade do uso: como, quando, onde e com quem a droga é utilizada. Foram observadas regras destinadas a minimizar riscos, embora cada usuário ou grupo desenvolva sanções e rituais sociais. O sujeito, suas expectativas e o contexto social devem, portanto, ser considerados em conjunto para diferenciar a flutuação entre uso e abuso, em vez de se considerar apenas a variável droga (ZINBERG, 1984, p. 81, 253).

Grund amplia o modelo de Zinberg ao incluir a disponibilidade das drogas e a estrutura de vida dos consumidores para compreender a autorregulação do consumo de drogas. Por estrutura de vida, entende os padrões regulares de atividades laborais, recreativas, domésticas e outras que moldam e constrangem o cotidiano; por disponibilidade, o acesso às substâncias desejadas em mercados regulados informalmente. O suprimento constitui, assim, uma pré-condição para o desenvolvimento e a eficácia das regras e dos rituais que regulam padrões e níveis de consumo. Preço, pureza e acessibilidade são influenciados pelos mercados e por medidas governamentais; regras e rituais são aprendidos na socialização; e a estrutura de vida resulta de fatores socioeconômicos, culturais e dos estilos de vida (GRUND, 1993, p. 243–247).

Com base nesses pressupostos, examinamos como mercados, disponibilidade, combinações farmacológicas, regras, rituais e estruturas de vida produzem configurações localmente dominantes do *chemsex* em Londres e no Brasil. A circulação contemporânea da metanfetamina não deve ser tratada como continuidade linear de seus usos médicos e ilícitos anteriores: moléculas semelhantes são reinscritas em mercados, vias de administração, tecnologias digitais e culturas sexuais historicamente distintas. Essa descontinuidade reforça a necessidade de investigar como cada geração redefine usos, sentidos e formas de controle.

4. DE LONDRES À SAÚDE GLOBAL: A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEGORIA

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

A combinação entre sexo e substâncias psicoativas é muito anterior ao surgimento da categoria *chemsex*. Bebidas alcoólicas, cannabis, cocaína, nitritos de alquila, estimulantes e medicamentos foram utilizados em diferentes épocas para produzir desinibição, ampliar sensações, sustentar performances ou modificar relações íntimas e sexuais. A especificidade do *chemsex* não reside na descoberta de que drogas podem participar da vida sexual, mas numa combinação farmacológica situada que reúne práticas, substâncias, populações e riscos sob uma categoria reconhecível, capaz de orientar pesquisas, serviços e políticas.

O termo ganhou circulação nas comunidades gays londrinas e nos serviços de saúde sexual durante os anos 2000 e 2010, embora as práticas associadas fossem anteriores. David Stuart, vinculado ao serviço LGBT Antidote, registrou o crescimento dos atendimentos relacionados a metanfetamina, mefedrona e GHB/GBL e descreveu "chem-sex" como palavra-código usada em sites e aplicativos (STUART, 2013). A categoria nasceu, assim, em circuitos comunitários e digitais antes de ser convertida em objeto sociomédico. A publicação de The Chemsex Study, no sul de Londres, contribuiu para essa formalização (BOURNE et al., 2014).

Nessa configuração, o chamado "trio clássico" — metanfetamina cristal, GHB/GBL e mefedrona — não constitui apenas uma lista de drogas. As moléculas participam de temporalidades e sensibilidades particulares: estimulantes podem prolongar a vigília; GHB/GBL pode modular desinibição e intensidade, com riscos relacionados à dosagem e às combinações. O repertório tornou-se estruturante em determinados circuitos londrinos, mas não oferece uma definição universal do fenômeno.

A categoria chemsex permitiu que serviços reconhecessem necessidades antes dispersas entre clínicas de saúde sexual, programas de HIV, atendimento em saúde mental e políticas de drogas. Contudo, sua estabilização também delimitou uma população-modelo: homens gays urbanos, usuários de aplicativos, envolvidos em encontros prolongados e consumidores de um repertório particular. Práticas farmacosexuais de mulheres, pessoas trans, populações racializadas, trabalhadores sexuais e usuários de outras substâncias permaneceram relativamente periféricas ou invisibilizadas. A categoria tornou visível um problema e, no mesmo movimento, estabeleceu zonas de visibilidade e invisibilidade desse fenômeno.

A revisão de Edmundson et al. (2018) consolidou a distinção entre o uso sexualizado de drogas, categoria ampla, e o chemsex associado ao repertório de metanfetamina, GHB/GBL e mefedrona. As prevalências variavam conforme o evento, a população e o serviço de recrutamento, mostrando que os resultados são também coproduzidos pelos dispositivos

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

institucionais de observação. A distinção orienta este artigo, mas não transforma o trio londrino em definição universal.

Essa seleção foi reforçada pelo paradigma epidemiológico do risco. A proximidade histórica entre culturas sexuais gays e a epidemia de HIV conferiu inteligibilidade imediata à associação entre drogas, sexo grupal e transmissão. A literatura passou a relacionar *chemsex* ao sexo sem preservativo, à multiplicidade de parceiros, a ISTs, intoxicações, dependência e sofrimento psíquico. Tais associações são relevantes, mas não explicam por si mesmas por que os sujeitos participam dessas práticas, quais experiências valorizam ou como constroem estratégias de cuidado. Como adverte Race (2018), reduzir o fenômeno a um agregado de "indivíduos danificados" impede reconhecer sua dimensão cultural e relacional.

Ao circular internacionalmente, o *chemsex* tornou-se uma linguagem da saúde global. Essa circulação não ocorre apenas pela difusão de uma palavra: realiza-se por estudos multicêntricos, questionários digitais, categorias epidemiológicas, protocolos de prevenção e modelos de cuidado que tornam populações e combinações farmacológicas comparáveis entre países. O *The Chemsex Study* contribuiu para estabilizar o repertório londrino, enquanto inquéritos transnacionais como o LAMIS permitiram reagrupar combinações relatadas por HSH brasileiros. Serviços de HIV e PrEP, por sua vez, incorporaram o uso de substâncias antes ou durante o sexo como marcador de necessidades preventivas. Esses dispositivos ampliam o reconhecimento do fenômeno, mas também podem projetar sobre outros contextos substâncias, populações e riscos que não ocupam ali a mesma posição (BOURNE et al., 2014; TORRES et al., 2020; NIKOBIN et al., 2025).

A passagem de uma expressão comunitária a uma categoria sociomédica é, portanto, uma controvérsia. De um lado, o reconhecimento público oferece vocabulário, recursos e serviços para pessoas em sofrimento. De outro, pode intensificar estigma e produzir pânicos sexuais que associam novamente homens gays à irresponsabilidade, ao contágio e à morte. A disputa não opõe simplesmente ciência e comunidade. Profissionais, usuários, ativistas e pesquisadores ocupam posições variadas, e muitos circulam entre esses lugares. O que está em questão é a forma de construir um problema público sem apagar os prazeres, os vínculos e os conhecimentos produzidos pelos participantes.

A revisão sistemática e metanálise de Georgiadis et al. (2025), baseada em 238 estudos e 380.505 participantes, estimou, entre HSH, prevalências combinadas de 22% para chemsex e 25% para uso sexualizado de drogas. As estimativas por substância foram: nitritos de alquila (23%), cannabis (18%), GHB/GBL (13%), cocaína (10%), MDMA/ecstasy (9%), metanfetamina

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

(8%), mefedrona (7%), anfetaminas (5%) e cetamina (4%). A distribuição variou regionalmente, e a escassez de estudos latino-americanos limita extrapolações. A posição global da cocaína torna plausível, embora não demonstre, a hipótese de sua centralidade em determinados circuitos brasileiros; nenhuma molécula define isoladamente o fenômeno.

A própria configuração britânica é móvel. Em uma amostra recente de HSH envolvidos em chemsex no Reino Unido, GHB/GBL (77,3%) e catinonas sintéticas, principalmente mefedrona (64,5%), foram mais frequentes que metanfetamina (47,5%) (LAGOJDA et al., 2025). Esses dados não representam toda a população britânica, mas mostram que até o repertório tomado como referência histórica varia segundo amostra, período e frequência de uso.

A revisão sistemática de Oliveira, Reis e Vieira-Coelho (2023), com 23 estudos publicados entre 2010 e 2022, organizou as motivações em quatro dimensões: intensificação das sensações e do desempenho sexual; produção de estados hedônicos; enfrentamento de pensamentos e sentimentos negativos; e motivações sociais. Os efeitos procurados dependem também de expectativas, identidades, estigma, relações entre pares, aplicativos, intimidade e pertencimento. Nenhuma molécula aparece universalmente, embora a metanfetamina seja recorrentemente associada ao prolongamento e à intensificação sexual. Como a revisão não incluiu estudos brasileiros, oferece contraponto internacional, mas não demonstra a hipótese da substituição parcial pela cocaína no Brasil.

5. O CHEMSEX NO BRASIL: ESTADO DA ARTE

No Brasil, não se observa a adoção exclusiva do trio britânico; destacam-se outras substâncias, especialmente a cocaína. A literatura registra combinações envolvendo álcool, cocaína em pó, crack, cannabis, MDMA, cetamina, *poppers*, metanfetamina e medicamentos para ereção. Essa pluralidade não transforma todo uso associado ao sexo em *chemsex*: é preciso examinar quando uma ou mais moléculas assumem função estruturante na organização de encontros, redes e temporalidades.

A fronteira entre uso sexualizado de drogas (USD) e *chemsex* permanece uma questão empírica e política. Expressões como "sexo aditivado", "sexo colocado" e "colocação" circulam em aplicativos e conversas, mas não equivalem automaticamente à categoria internacional. A investigação antropológica deve acompanhar os usos locais dessas palavras e as relações que elas produzem, em vez de impor equivalências antecipadas.

Plataformas como Grindr, Scruff e Hornet não são instrumentos neutros. Seus recursos de geolocalização, perfis, grades e mensagens participam da procura por parceiros, da circulação de códigos e, em algumas situações, do acesso a substâncias. Elas integram a própria

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

configuração do encontro, embora seus anúncios não devam ser tomados como descrições transparentes do que efetivamente ocorre.

A produção antropológica e as etnografias digitais permitem acompanhar essa dimensão sem tomar os códigos como equivalentes transparentes das práticas. Del Rei (2024), por exemplo, trata o Grindr simultaneamente como campo de observação e ambiente de circulação de informações sobre redução de danos. Perfis, emojis, abreviações e expressões dependem da situação, do interlocutor e do grau de exposição desejado. Essa opacidade estratégica protege participantes, seleciona interlocutores e reduz a exposição diante da criminalização e do estigma; por isso, sua interpretação exige atenção ao contexto e cuidados éticos com anonimato, consentimento e privacidade.

A leitura do subconjunto de aproximadamente 48 referências relacionadas ao Brasil permitiu reconstruir a produção progressiva do fenômeno como problema público. O *corpus* reuniu pesquisas empíricas, revisões, teses, dissertações e trabalhos comparativos provenientes principalmente dos campos da enfermagem, da medicina, da infectologia, da saúde coletiva e das ciências sociais. Nem todos apresentavam dados coletados no país; por isso, foram diferenciados os estudos com amostras brasileiras, os textos que comparavam o Brasil a outros contextos e as revisões que apenas discutiam a categoria. O conjunto foi utilizado para identificar tendências, definições, populações, repertórios farmacológicos e lacunas, e não para estimar prevalências nacionais.

A etnografia de Victor Hugo de Souza Barreto sobre festas de orgia entre homens no Rio de Janeiro constitui um antecedente particularmente importante. Embora diferencie essas festas dos encontros privados nos quais o consumo de substâncias seria organizador da sessão, o autor registra álcool, tabaco, cannabis, cocaína, MDMA e *poppers* nos circuitos pesquisados. Ao mencionar a chegada a São Paulo de eventos articulados por aplicativos, hashtags e expressões como "sexo aditivado", Barreto (2019, p. 29–30) identifica uma zona de contato entre cenas orgiásticas, cultura eletrônica e *chemsex*. Sua análise do desejo, da intensidade, das regras e do gerenciamento dos riscos impede que a presença de drogas seja lida automaticamente como ausência de controle.

Em 2019, a revisão integrativa de Silva et al. localizou 762 registros e selecionou 146 publicações, quase todas em inglês, organizadas em cinco eixos: substâncias, ISTs e morbidades, comportamentos de risco, epidemiologia e abordagens terapêuticas. O trabalho delimitou uma agenda e registrou a escassez de estudos brasileiros, mas associou fortemente chemsex, desproteção e dano. Esses dados não podem ser transplantados ao Brasil sem considerar redes

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

sexuais, acesso à prevenção, políticas públicas e critérios de produção das evidências (SILVA et al., 2019).

Com 1.048 HSH do Rio de Janeiro, Torres et al. (2020) encontraram uso de álcool ou drogas ilícitas antes ou durante o sexo em 64% da amostra: 28% relataram apenas álcool, 27% álcool combinado a drogas ilícitas e 9% apenas drogas ilícitas. O resultado evidencia a amplitude do uso sexualizado de drogas e reforça que ele não deve ser automaticamente equiparado ao chemsex nem ao trio londrino.

Sousa et al. (2020) relacionaram o chemsex entre HSH no Brasil e em Portugal a encontros casuais, sexo grupal e uso da PrEP. Vasconcelos (2021), ao estudar o Projeto Demonstrativo PrEP Brasil, observou boa adesão à profilaxia entre participantes classificados como envolvidos em chemsex, simultaneamente a maior exposição a outras ISTs. Os achados não autorizam opor prazer e proteção: indicam uma reorganização do cuidado, que pode combinar PrEP, testagem, preservativos e avaliações situacionais, distinguindo a prevenção do HIV daquela de outros agravos.

A partir de 2022, a literatura ampliou populações e problemas analisados. Jalil et al. (2022) identificaram elevada frequência de uso sexualizado de drogas entre mulheres trans e minorias sexuais e de gênero, enquanto Miskolci et al. (2022) situaram o fenômeno entre os desafios contemporâneos da saúde LGBTI+ no Brasil. Com dados brasileiros do LAMIS-2018, Nikobin et al. (2025) identificaram quatro padrões de combinações — *Heavy Drug Users*, *Party Drug Users*, *Conservative Users* e *Classic Chemsex Users*. A tipologia mostra que a população agregada como HSH reúne repertórios distintos, nos quais substâncias socialmente aceitas, drogas de festa e estimulantes potentes ocupam posições diferentes. O resultado reforça a necessidade de analisar combinações situadas, sem converter a tipologia estatística em classificação fixa dos sujeitos nem pressupor que todo uso sexualizado reproduza o repertório clássico londrino.

Essa expansão não elimina lacunas. Homens gays cisgêneros, urbanos e conectados a aplicativos e serviços de PrEP predominam em muitas amostras, em parte devido aos circuitos de recrutamento. Mulheres cisgênero e pessoas não binárias permanecem pouco visíveis, e a categoria agregada HSH reúne trajetórias distintas. Substâncias, frequência, vias de administração, regras de uso e estruturas de vida devem, portanto, ser analisadas de forma situada: a categoria científica não apenas revela populações, mas define quem pode aparecer como sujeito legítimo do fenômeno.

Gênero, raça, classe e território precisam ocupar lugar central na análise e no desenvolvimento interseccional e transversal das políticas públicas de saúde. Essas relações

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

influenciam substâncias disponíveis, espaços de consumo, exposição à polícia e à violência, possibilidade de realizar encontros em ambientes privados e acesso a PrEP, testagem e redução de danos. Não existe um único "*chemsex* brasileiro". São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, cidades médias, periferias e regiões de fronteira integram economias e serviços distintos. A expressão "à brasileira" designa um campo possível de traduções, e não uma essência nacional.

A cultura urbana LGBT+ de São Paulo articula espaços de moradia, lazer, paquera e interação sexual: bares, saunas, cinemas, boates, casas de sexo, áreas de prostituição, residências e plataformas digitais. Esses territórios não constituem um mapa fixo, embora sejam passíveis de geolocalização. São percorridos por deslocamentos, mensagens, códigos, relações de confiança e diferentes possibilidades de acesso a substâncias, privacidade e cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em "A vontade de saber", Michel Foucault (1988a) rompeu com a ideia de que a sexualidade constituiria um domínio natural da experiência humana posteriormente submetido à repressão. Para o autor, ela é produzida por um dispositivo composto por saberes científicos, práticas médicas, instituições, normas jurídicas e moralidades que definem maneiras de desejar, experimentar o prazer e governar os corpos. Mais do que proibir condutas, esse dispositivo produz sujeitos, estabelece regimes de verdade e cria as condições pelas quais determinadas práticas se tornam inteligíveis como normais ou desviantes, saudáveis ou patológicas.

Em pesquisas anteriores, denominamos "dispositivo da droga" (Perlongher, 1991; Vargas, 2006; Fernandez, 2007) o conjunto de discursos, saberes, instituições e intervenções por meio dos quais certas substâncias e formas de consumo são transformadas em problemas médicos, jurídicos e políticos. A articulação entre esse dispositivo e o dispositivo da sexualidade permite compreender por que determinadas combinações entre sexo e drogas se tornam especialmente visíveis, classificáveis e governáveis.

O *chemsex* pode, assim, ser compreendido como composição variável entre corpos, substâncias, aplicativos, medicamentos, tecnologias preventivas, mercados, culturas sexuais e instituições de saúde. Essa perspectiva converge com a equação relacional proposta neste artigo: nenhum componente explica isoladamente o fenômeno, e a alteração de um deles pode reconfigurar o conjunto.

É nesse cruzamento entre farmacosexualidade, tecnologias de si e biossociabilidade que situamos duas categorias heurísticas formuladas por Osvaldo Fernandez (2025): o "álibi químico" e o "gozo farmacológico". O "álibi químico" interroga situações em que a atribuição da conduta à substância permite negociar desejos ou práticas dissidentes em contextos marcados por estigma,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

homofobia e normas de masculinidade. Não pressupõe ausência de agência ou responsabilidade; formula uma hipótese sobre sua distribuição entre sujeito, molécula e moralidade.

O "gozo farmacológico" procura compreender a articulação entre substâncias, intensificação corporal, prolongamento das experiências e situações de exaustão, compulsão ou sofrimento. Não reduz a experiência a um efeito molecular nem presume domínio integral do sujeito.

Empregamos transação em sentido pragmatista: não como simples troca entre entidades prontas, mas como experiência na qual participantes e ambiente se modificam. Corpos aprendem tolerâncias e limites; substâncias recebem nomes, reputações e usos; aplicativos incorporam códigos; serviços reformulam práticas; categorias científicas passam a orientar experiências futuras.

Em resposta às perguntas inicialmente formuladas, o uso sexualizado de drogas e a categoria chemsex são produzidos e transformados nas relações entre substâncias, corpos, mercados, plataformas digitais, culturas sexuais, políticas de HIV/aids e instituições de saúde. Ao circular de Londres para o Brasil como linguagem da saúde global, a categoria torna visíveis determinadas combinações farmacológicas, populações e riscos, mas pode manter menos visíveis outros repertórios e sujeitos, entre eles mulheres e pessoas transgênero.

A comparação permite compreender o chemsex simultaneamente como prática e categoria. Em Londres, uma configuração particular de substâncias, serviços, culturas gays e plataformas estabilizou um repertório que circulou internacionalmente. No Brasil, a ecologia farmacológica é mais plural, mas não ilimitada: formulamos a hipótese de que a cocaína possa ocupar ou substituir parcialmente a posição estruturante da metanfetamina em determinados circuitos. A categoria adquire precisão quando se investigam as substâncias estruturantes e complementares e as relações que organizam cada cena.

Os direitos à informação, à privacidade, ao consentimento, à prevenção, à redução de danos e ao atendimento em saúde física e mental não são suspensos pela associação entre drogas e sexualidade. Os participantes não devem ser reduzidos a vetores epidemiológicos nem abandonados sob o argumento de respeito às escolhas individuais.

Promover autonomia significa fortalecer capacidades de decisão, reconhecer limites e oferecer apoio, sem prescrever abstinência nem transferir aos indivíduos toda a responsabilidade por riscos também produzidos por mercados ilegais, desigualdades, estigma, racismo e barreiras institucionais.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

No Brasil, essa perspectiva exige redução de danos compatível com a pluralidade farmacológica e com a estrutura do SUS. O cuidado precisa integrar atenção primária, prevenção do HIV e de outras ISTs, urgências, redução de danos e saúde mental, articulando escuta não julgadora, materiais estéreis, informação sobre riscos associados a combinações e dosagens, testagem, PrEP, PEP e encaminhamento quando solicitado (BRASIL, 2024a, 2024b; WORLD HEALTH ORGANIZATION; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2020).

REFERÊNCIAS

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Limites, fissuras, prazer e risco em festas de orgia para homens. Mana, v. 25, n. 1, p. 9–37, 2019.

BECKER, Howard S. Consciência, poder e efeito da droga. In: BECKER, Howard S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 181–204.

BECKER, Howard S. History, culture and subjective experience: an exploration of the social bases of drug-induced experiences. Journal of Health and Social Behavior, v. 8, n. 3, p. 163–176, 1967.

BOLTANSKI, Luc. Les usages sociaux du corps. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations, v. 26, n. 1, p. 205–233, 1971.

BOURDIEU, Pierre. Le sens pratique. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

BOURNE, Adam et al. The Chemsex Study: drug use in sexual settings among gay and bisexual men in Lambeth, Southwark and Lewisham. London: London School of Hygiene & Tropical Medicine, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pós-Exposição de Risco à Infecção pelo HIV, IST e Hepatites Virais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição Oral à Infecção pelo HIV. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024b.

CARVALHO, I. S. et al. Healthcare access in chemsex contexts in Brazil: a scoping review and the VIP-Chemsex Model. Nursing Reports, v. 16, n. 7, art. 238, 2026. DOI: https://doi.org/10.3390/nursrep16070238.

DAVIS, Oliver. Foucault and the queer pharmatopia. In: DOWNING, Lisa (org.). After Foucault: culture, theory, and criticism in the 21st century. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 170–184. DOI: 10.1017/9781316492864.013.

DEL REI, Marina P. Entre swipes e sentidos: uma etnografia digital sobre o fenômeno chemsex. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995–1997. 5 v.

EDMUNDSON, Claire et al. Sexualised drug use in the United Kingdom (UK): a review of the literature. International Journal of Drug Policy, v. 55, p. 131–148, 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2018.02.002.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

FERNANDEZ, Osvaldo Francisco Ribas Lobos. Gozo farmacológico: chemsex à brasileira, masculinidades e HIV/aids/ISTs. Texto apresentado ao exame para Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, dez. 2025.

FERNANDEZ, Osvaldo Francisco Ribas Lobos. Coca-light? Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de "cheiradores" de cocaína em São Paulo. 2007. 345 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988a.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the self. In: MARTIN, Luther H.; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick H. (org.). Technologies of the self: a seminar with Michel Foucault. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988b. p. 16–49.

GEORGIADIS, Nikolaos et al. Prevalence of chemsex and sexualized drug use among men who have sex with men: a systematic review and meta-analysis. Drug and Alcohol Dependence, v. 275, art. 112800, 2025. DOI: https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2025.112800.

GRUND, Jean-Paul C. Drug use as a social ritual: functionality, symbolism and determinants of self-regulation. Rotterdam: Instituut voor Verslavingsonderzoek, Erasmus Universiteit, 1993.

JALIL, Emilia M. et al. High rates of sexualized drug use or chemsex among Brazilian transgender women and young sexual and gender minorities. International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 19, art. 1704, 2022.

LAGOJDA, Lukasz et al. Mental health and drug use patterns among men who have sex with men (MSM) engaging in chemsex in the UK. Healthcare, v. 13, art. 719, 2025. DOI: https://doi.org/10.3390/healthcare13070719.

LAW, John. After method: mess in social science research. London: Routledge, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MISKOLCI, Richard et al. Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, n. 10, 2022.

MOL, Annemarie. The body multiple: ontology in medical practice. Durham: Duke University Press, 2002.

MOYLE, Leah et al. Pharmacosex: reimagining sex, drugs and enhancement. International Journal of Drug Policy, v. 86, art. 102943, 2020.

NIKOBIN, R. et al. Patterns of drug combinations used by men who have sex with men in Brazil. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 47, e20243874, p. 1–8, 2025. DOI: https://doi.org/10.47626/1516-4446-2024-3874.

OLIVEIRA, Pedro Marques; REIS, Claudia Sousa; VIEIRA-COELHO, Maria Augusta. Getting inside the mind of gay and bisexual men who have sex with men with sexualized drug use: a systematic review. International Journal of Sexual Health, v. 35, n. 4, p. 573–595, 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/19317611.2023.2260372.

PERLONGHER, Néstor. Droga e êxtase. In: LANCETTI, Antonio (org.). Saúdeloucura 3. São Paulo: Hucitec, 1991. p. 77–90.

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

PRECIADO, Paul B. Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RABINOW, Paul. Artificialidade e Iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: RABINOW, Paul. Antropologia da razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 135–157.

RACE, Kane. The gay science: intimate experiments with the problem of HIV. London: Routledge, 2018.

SAHLINS, Marshall. Islands of history. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

SILVA, R. R. et al. Os impactos do chemsex na saúde pública mundial: um estudo sobre uma perigosa prática sexual entre homens. Saúde Coletiva, v. 9, n. 51, p. 1920–1925, 2019. DOI: https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2019v9i51p1920-1925.

SOUSA, Álvaro F. L. et al. Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens durante o período de isolamento social por COVID-19. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 12, 2020.

STUART, David. Sexualised drug use by MSM: background, current status and response. HIV Nursing, v. 13, n. 1, p. 6–10, 2013.

TORRES, Thiago S. et al. Do men who have sex with men who report alcohol and illicit drug use before/during sex (chemsex) present moderate/high risk for substance use disorders? Drug and Alcohol Dependence, v. 209, art. 107908, 2020.

VALENCIA, Sayak. Capitalismo gore. Barcelona: Melusina, 2010.

VARGAS, Eduardo V. Uso de drogas: a alter-ação como evento. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 581–623, 2006.

VASCONCELOS, R. P. Infecções sexualmente transmissíveis em usuários do Projeto Demonstrativo PrEP Brasil. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. HIV prevention, treatment, care and support for people who use stimulant drugs. Geneva: WHO, 2020.

ZINBERG, Norman E. Drug, set, and setting: the basis for controlled intoxicant use. New Haven: Yale University Press, 1984.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Os dados analisados correspondem às referências e aos documentos citados.

FINANCIAMENTO:

Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez – Conceituação; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17707

Diego Madi Dias – Conceituação; Redação – revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Declaração de uso de Inteligência Artificial(IA): Foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa como apoio à revisão linguística e à organização preliminar do manuscrito. Essas ferramentas não foram utilizadas para produzir, tratar ou analisar os dados da pesquisa. A definição do argumento, a análise e interpretação dos dados, a seleção das referências e a revisão final do texto são de responsabilidade exclusiva do autores.

MINIBIOGRAFIAS DOS AUTORES

Osvaldo Fernandez é professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pós-doutor em Antropologia pela Columbia University/Capes (2010) e, atualmente, realiza pós-doutorado em Saúde Pública na Universidade de São Paulo (2026).

Diego Madi Dias é cientista social e professor da Faculdade de Saúde Pública da USP. Agente de redução de danos, usuário do SUS, PVHA e militante na luta contra a AID$.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.